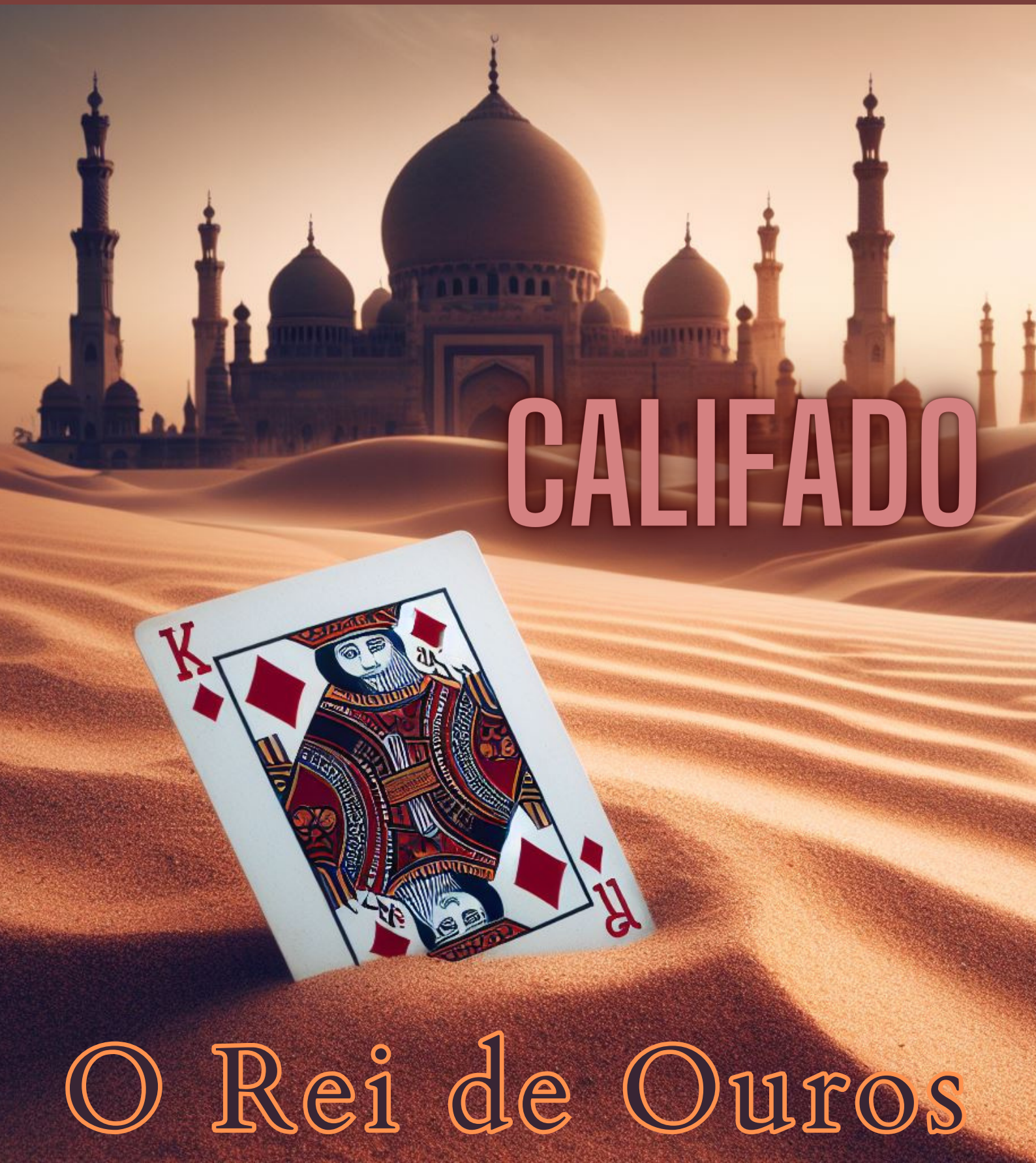


REVISTA

ISSN 2764-3867

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | N° 37 - DEZEMBRO 2023



## CALIFADO

# © Rei de Ouros

# EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

---

**Leandro Costa - Editor-Chefe**  
**Munique Costa - Editora Adjunta**  
**Pedro Costa - Editor Auxiliar**

---

## **Produção e Designer**

Edson Araujo  
Leandro Costa  
Munique Costa

## **Redação**

Edson Araujo  
Leandro Costa  
Munique Costa  
Pedro Costa

## **Colunistas**

Danielle Jesus  
Edson Araujo  
Erika Figueiredo  
Juliette Oliveira  
Leandro Costa  
Mauricio Motta  
Neto Curvina

---

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

---

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento



# Leandro Costa

## EDITOR-CHEFE

Servidor público,  
advogado impedido,  
professor de Direito,  
autor do livro: Direito nas  
Escolas e Diretor na  
ABRAJUC.

Revista Conhecimento &  
Cidadania  
Vol. III – N° 37  
Dezembro de 2023  
Rio de Janeiro – RJ  
Curso Menezes Costa  
CNPJ 28.814.886/0001-26  
ISSN 2764-3867

# COLUNISTAS

## LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

## EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

## ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

## MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

## DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

## JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

## NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

## Mensagem de Natal



A Revista Conhecimento & Cidadania deseja a todos um Feliz Natal.

Que a lembrança do nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo nos inspire, que a bondade de Deus nos proteja da corrupção da alma e que a fé nos dê força para enfrentar cada obstáculo em nossa trajetória.

Você pode não saber qual o motivo de sua existência, mas Deus não te deu a vida sem te dar um propósito maior.

Celebremos o aniversário daquele que morreu por nós e venceu a morte para que saibamos que nada para Deus é impossível e que nossa esperança nunca se apagará.

Renove as forças e siga sempre em frente, seja luz aos que estão perdidos e acredite, Deus te ama não importa o que aconteça.

Feliz Natal, são os votos da equipe da Revista Conhecimento & Cidadania.

Leandro Costa  
Editor-chefe

## Califado, o Rei de Ouro



Em um mundo de conflitos, é imperioso observar se há uma falsa compreensão da realidade ou um antagonismo real entre forças, talvez a única forma de verificar a nuances por trás de um embate entre etnias, nações ou mesmo civilizações, seja um breve passeio pela história da humanidade. O presente texto não se propõe ao esgotamento do tema, não haveria espaço para tal debate, tampouco, ousaria, o autor, assumir o rótulo de especialista no tema, claro, tratando o termo especialista com o significado real.

Precisamos, todavia, antes do breve mergulho na história, dar o devido crédito ao inspirador do tema que será enfrentado, posto que, a proposta central é discorrer sobre a primeira das [elites globais](#) descritas pelo célebre Olavo de Carvalho, o que observamos por mais de uma vez, seja tentando compreender o que motiva o [ódio ao cristianismo](#) ou a [geopolítica eurasiana](#).

O mestre Olavo de Carvalho aponta como três elites do poder mundial a fraternidade islâmica, o poder governante da Rússia e China, bem como, a elite financeira ocidental, elencando que cada uma delas, entretanto, tais forças ora se convergem, ora se rivalizam, pois, a escalada ao poder passa por pactos conflitos. No momento trataremos somente da elite que Olavo chama de fraternidade islâmica, a quem chamaremos de Califado.

Notadamente, dividimos as elites para melhor compreensão e aprofundamento, contudo, trataremos ao final uma concepção atualizada, na qual tivemos a audácia de incluir o que seria uma quarta elite de poder, que pode se apresentar com certa timidez em se comparando com as demais, mas que busca lugar de destaque e também aspira o poder. No momento oportuno trataremos da quarta elite, por isso, a divisão em naipes.

*Leandro Costa*

Os naipes do baralho tradicional, cuja criação é atribuída geralmente ao francês Jacquemin Gringonneur, sob encomenda do Rei Carlos VI da França, trás um [simbolismo em suas cartas](#), muitos afirmam os naipes se traduzem da seguinte forma, copas representaria o clero; o ouro, a burguesia; a espada, os militares; e o paus, os camponeses, tratando da divisão da sociedade daquele país, em verdade de toda Europa, durante aquele período. Há quem diga que os naipes simbolizam estações do ano, sendo a sequencia que adotaremos nesta jornada pelas quatro elites globais, e ainda, alguns associam os naipes aos elementos, o que também se adequa à proposta.

No que diz respeito a primeira das elites que abordaremos, o Califado, preliminarmente, é necessário dizer que a existência de um califado é supranacional, como uma espécie de grande nação do Islã, governada pelo califa, herdeiro do profeta Maomé. Nas palavras de Olavo de Carvalho, “eventuais conflitos de interesses entre os governos nacionais e o objetivo maior do Califado Universal acabam sempre resolvidos em favor deste último, que hoje é o grande fator de unificação ideológica do mundo islâmico”.

A leitura do trecho acima deixa claro que as nações islâmicas são divisões políticas que não se opõem aos fins do Califado, sendo certo que qualquer que seja o líder de um dessas nações, não pode ser considerado um obstáculo intransponível aos desejos da elite, uma vez que a fé de seu povo o derrubará se assim se portar. A existência do Califado, como ser despersonalizado, acaba sendo uma espécie de nuvem que cobre as nações islâmicas, sendo impossível apontar uma figura ou grupo específico de liderança.

Passamos então aos fatores históricos que envolvem o califado, observando que a disputa entre as civilizações oriental e ocidental antecede o Islão. Resgatamos o trecho de nossa [publicação há um ano](#), que trata da ruína do continente europeu ante a chamada islamização.

“Antes que algum leitor faça o equivocado juízo e assuma que o objetivo aqui é fazer um ataque ao islã, ou como dizem os histéricos progressistas, uma ode à “islamofobia”, acreditando que há uma repulsa em face dos praticantes de tal crença. É imperioso alertar que, em que pese o abismo cultural entre as bases fundantes da sociedade ocidental e o islã, não se pode assumir que tal crença seja um mal a ser combatido, até porque, já ficou claro, em leitura anterior, que existe sim uma religião que prega a desgraça como forma de subjugar os seres humanos, a verdadeira crença no mal é o socialismo.

A questão do islamismo não se depreende de uma fé nefasta, mas sim do uso de uma diferença entre duas facetas que marcaram a história da humanidade, tão logo as primeiras grandes sociedades se estabeleceram e forjaram suas culturas. Assim sendo, é preciso observar que o que se consolidou como ocidente e oriente tem suas origens em choques culturais anteriores ao confronto religiosos, bem como,

*Leandro Costa*

do surgimento da maior chaga que tomou a idade contemporânea, o sentimento revolucionário e as ideologias de que há soluções imaginadas, pela falível mente humana, para todos os problemas do universo”.

Não se trata da demonização do Islã, mas da constatação que o Califado é força pujante que pretende expandir seus tentáculos através da fé imposta, o que espia cuidados, a todo o mudo. Os artífices do Califado apoiados na ideia de Jihad, avançam contra a civilização ocidental sempre que possível.

As nações islâmicas, diferente das ocidentais, tendem a assumir a posição religiosa como a do Estado, o que, data máxima vênia, o ocidente ao negar, sobre a premissa do chamado Estado laico, permite que o poder político torne-se laicista e por conseguinte ateuista, quando permeado por agentes revolucionários, como são as nações socialistas espalhadas pelo mundo. Claro que o termo ateu, não deveria ser empregado quando se trata de Estados socialistas, uma vez que, a fé delirante dos socialistas em uma utopia de paraíso criado por humanos é materialista, mas não deixa de ter uma crença na divindade chamada Estado e seus profetas que são os líderes revolucionários, os maiores falsos profetas que já existiram.

A Jihad, que significa esforço, pode ser apresentada de duas formas, a primeira, o dever que cada membro tem no sentido de promover a encampação pelo Islã de todo o mundo, lutando contra os infiéis, todo aquele que não se converter à fé, ou mesmos os apostatas, que deixaram o Islã. Uma outra versão é que a Jihad é um esforço de guerra interna, buscando vencer seus próprios vícios, de maneira que a verdadeira Jihad é uma luta interior que cada muçulmano deve enfrentar.



*Leandro Costa*

Por mais que a segunda versão pareça confortante, é difícil acreditar que todos os jihadistas tenham interpretado de forma equivocada seu caminho e que fazem uma incansável guerra ao ocidente por mera deficiência cognitiva. Em especial, quando se observa que os chamados não radicais, em regra, não repreendem de forma veemente as ações daqueles que se propõem aos ataques, bem como, não apoiam de forma explícita reações enérgicas por parte do ocidente.

Não há como ignorar, ainda que em nome da paz, se é que isso pode ser invocado como argumento, um brilhante artigo que se escora em dados chamado “[O Mito do Muçulmano Bonzinho](#)”, no qual o autor destaca o altíssimo grau de aprovação, ou mesmo, de aceitação de práticas consideradas terroristas entre os muçulmanos não radicais, sem contra que, o percentual que assume concordar com as práticas é alarmante.

Enfatiza ainda o artigo que mais da metade dos países muçulmanos rejeitam a ideia de Estado laico, bem como, grande parte dos seguidores daquela religião concordarem com a aplicação da Lei Sharia. Outro [artigo cuidando do mesmo tema](#), aponta que mais de dois terços dos muçulmanos de diversas nações apoiam a criação de um califado, um Estado Islâmico unificando todas as nações de maioria muçulmana, governado por uma califa e regido pela Lei Sahria.

Tal observação indica que Olavo de Carvalho constatara este sentimento supranacional movido pelo sentimento de um único mundo sob a régua do Islã é, de fato, um cenário real, um projeto de poder que deveria tirar o sono de qualquer um que não o deseja, pois, o processo passa pela supressão dos que não comungam daquela fé. Se os indivíduos almejam a criação de um califado, ignorar tal anseio é, na melhor das hipóteses, um grave erro.

Não apenas os muçulmanos, como indivíduos, aspiram a criação de um califado, mesmo nações são adeptas de tal ideia, dentre elas, as mais importantes do mundo islâmico, a Arábia Saudita e o Irã. Se isso não é o suficiente, há os grupos terroristas, que por vezes possuem o braço armado e a representação política como o Hamas, bem como, o processo de islamização da Europa, que resultará, não apenas na ocupação geográfica dos países do velho continente, mas, talvez ainda mais preocupante, a destruição da cultura ocidental e o controle do arsenal de tais países.

Qualquer um, em juízo perfeito, deve se preocupar ao imaginar a hipótese do Irã ter o poderio militar da França, quase de joelhos diante dos seguidores de Maomé, bem como, o governo sírio ter o controle bélico do Reino Unido, que também demonstra claros sinais de fraqueza.

A unificação das nações islâmicas, em se tratando da criação de um Estado que vê no ocidente uma civilização rival, inspira cuidados, entretanto, a flagrante ocupação do continente europeu e o



*Leandro Costa*

enfraquecimento de países como Canadá. Austrália e Estados Unidos da América, deixam evidente que a situação é de extrema gravidade.

Da autodestruição do ocidente cuidaremos em outra oportunidade. No momento é importante ter em mente que o mundo islâmico é supranacional, em que pese os atritos internos, como as relações entre Sauditas e Iranianos ou Xiitas e Sunitas, a uma identidade maior que une todos aqueles que pertencem a fraternidade muçulmana, sendo um dos motivos das manifestações antissemitas que ocorreram recentemente.

Diferente do ocidente, os muçulmanos compreendem que lutam por uma causa maior e que, meso em um confronto menor entre nações, há que se projetar, como meta de longo prazo, a reunião dos povos islâmicos para a criação do califado, que, em nome do Islã, reinará sobre os demais povos. A religião de Maomé tem como um de seus objetivos o exercício do poder político-social, não por acaso o próprio profeta se lançou à condição de governante até sua morte no ano de 632 dC.

Curioso que um profeta, cuja missão seria levar a mensagem de Alá (Allah), assume o poder político e muitos tentam dissociar o Islã da política, separação que só existe nos bancos universitários e no discurso que desvia os olhos dos incautos ocidentais.

Movidos pela cega ambição por poder, os grupos identitários buscam a completa degradação da cultura ocidental, criando um universo no qual, sua loucura possa ser imposta aos outros, de maneira que, paradoxalmente, apoiam os grupos jihadistas que os desprezam. Poderia escrever sobre o tema, mas deixaria de dividir com os leitores um belo achado, o brilhante texto do [Professor Eduardo Vieira](#) que, ao ser questionado sobre a defesa do Hamas por pessoas que o grupo terrorista nutre grande desprezo, explica sobre a, no mínimo, inusitada, manifestação dos grupos identitários em favos de um braço terrorista do Califado.

“Essa é uma questão complexa porque sua resposta está nas esferas mais abstratas da realidade política.

Quando se avalia política localmente há que se prestar atenção em indivíduos, em partidos, em cargos e pequenos acordos de poder. Ao se passar para a esfera regional outros elementos entram em cena.

A conexão entre a esquerda (ignorando a imprecisão do rótulo) e o terrorismo islâmico está lá na última esfera. Nesse nível podemos entender os conflitos do mundo como centrados ao redor da preservação ou destruição da civilização ocidental, com ênfase aos direitos naturais e ao Cristianismo, que está imbricado naqueles.

*Leandro Costa*

Neste cenário a esquerda enxerga a violência islâmica (não uso o termo terrorismo porque toda maioria islâmica é violenta contra infiéis) como uma força útil para a destruição do Ocidente. Portanto aplaudem a barbárie.

Outros elementos entram na equação, claro. A esquerda é amoral, portanto a barbárie não a incomoda como perturba pessoas que chamamos de "normais", como você e eu. Pessoas humanas com senso de moral e ética. Do outro lado temos anti-homens cuja semelhança conosco não vai além da casca e mesmo assim podemos perceber um afastamento cada vez maior.

Na pandemia podia-se perceber um anti-homem com uma olhadela de um segundo, com 95% de precisão.

Mas não termina aí a descida pela toca do coelho. Muitos na esquerda, muito mais que uma mente sadia seria capaz de conceber, desejam implementar barbárie similar. Afastando-se de Deus, da Beleza e da Caridade por décadas essas pessoas decaíram a um nível de puro horror, onde a vida gira em torno do ressentimento e do ódio. É algo feio de se contemplar.

Nessa mistura de ódio e ausência de Deus (não venham me falar de islamismo e Deus) coisas negras como a pedofilia tornam-se pontos de convergência, prêmios de conquista avidamente cobiçados desde a Antiguidade por demônios de carne e osso. É contra tudo isso que lutamos, e daí vem minha, digamos assim, ênfase no esforço máximo de contenção contra essas forças”.

Acredito que a enérgica exposição do Professor Eduardo Vieira foi mais que o suficiente para a compreensão da momentânea e oportuna convergência entre forças paradoxais. Confirmando a lição de Olavo de Carvalho, que explica.

“Embora em princípio as relações entre eles sejam de competição e disputa, às vezes até militar, existem imensas zonas de fusão e colaboração, ainda que móveis e cambiantes. Este fenômeno desorienta os observadores, produzindo toda sorte de interpretações deslocadas e fantasiosas, algumas sob a forma de “teorias da conspiração”, outras como contestações soi disant “realistas” e “científicas” dessas teorias”.

Em síntese, em sua busca pelo poder, é natural que as elites globais unam-se ou tentem se destruir, como uma espécie de jogo de cartas em que cada um dos naipes faz parte do baralho perseguindo a vitória com todas as suas forças.

Nunca espere um limite moral de déspotas, assim com a ex-presidente Dilma Rousseff, afirmou que seu grupo político faria “[aliança até com o Diabo](#)”, se é que não o fez, já houve episódios em que alianças com inimigos da civilização foram celebradas. Como no caso dos espartanos, em 413 a.C, que se aliaram aos persas, uma cultura que enxergava os povos de Hélade (Grécia antiga) como inimigos, para combater os atenienses.

*Leandro Costa*

Não raros os casos em que, movidos por interesses pessoais, alguns indivíduos optam por se unirem àqueles que os devorarão assim que possível. O que ocorre com os que clamam por mais poder aos tiranos, [adulando o mal](#) que os destruirá.

Que Deus nos proteja e nos ajude a segurar a mão do Rei de Ouro.



**Então é Natal, e o que você fez?  
O ano termina e nasce outra vez**



Há mais de dois mil anos nascia um menino que ia mudar o mundo.

Essa história começa há muito tempo atrás, numa época de reis e rainhas. Mas, não se engane, não é um conto de fadas e já existia política por conveniência.

Nos últimos artigos, mencionamos acerca das discussões atuais sobre o valor da vida. Na época desse menino, a vida do outro não valia absolutamente nada. Decretos como “matar” todos os bebês até dois anos de idade eram tratados com banalidade pelos governantes. A vida da população tão pouco era respeitada. Acredite, desde que o mundo é mundo, sempre existiu aqueles que mandam e aqueles que só cumprem ordens.

Mas voltando para falar sobre o menino que mudaria o mundo.

## **Juliette Oliveira**

Então, ele era pobre, bem pobre. O pai carpinteiro, sem muitas condições. Perto de nascer o pobre menino, o pai e a mãe precisaram fazer uma longa viagem. O motivo? Coisas do governo. Nada que não estejamos habituados nos dias de hoje. Chegando na cidade, não havia mais hospedarias com vagas. O único lugar cedido foi um estábulo.

O jeito foi acomodar a grávida prestes a dar a luz em meio aos animais. Mas de repente... Começam as contrações, a aflição e as dores de parto. Não tem para onde ir. Então, um choro é ouvido. Uma estrela passa. Pastores que estavam próximo chegam para ver o que está acontecendo. Um anjo falou com eles. Em seguida, três sábios, de muito longe, se aproximam com presentes. Vieram adorar o menino.

Nesse momento, damos uma pausa nessa narração. Um filho de carpinteiro e de uma mulher que ninguém nunca ouviu falar nasce em um estábulo e em seguida aparecem pessoas para o visitar que eles nunca tinham visto antes na vida? É isso mesmo? Sim.

Quando contamos essa história e muitas outras sobre a vida desse menino, depois jovem e homem, é comum causar espanto e certo viés de incredulidade. Mas o que toda essa história tem para nos ensinar? Primeiramente, a preservação da vida vale qualquer esforço. Segundo, não podemos esperar que Estado esteja preservando o dom da vida. Terceiro, os anos passam e o ser humano continua cometendo as mesmas atrocidades para se manter no poder.

*“Após o nascimento de Jesus em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, eis que alguns sábios vindos do Oriente chegaram a Jerusalém. E, indagavam: “Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Pois do Oriente vimos a sua estrela e viemos adorá-lo”. Quando o rei Herodes ouviu isso, ficou perturbado e toda a Jerusalém com ele. Tendo reunido todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe responderam: “Em Belém da Judéia, pois assim escreveu o profeta. (...) Então Herodes, chamando secretamente os sábios, interrogou-os exatamente acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. Mandou-os a Belém e disse: “Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e quando o achardes, comunicai-me, para que também eu vá e o adore”. Após terem ouvido o rei, seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no Oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Ao entrarem no local, encontraram o menino com Maria, sua mãe, e prostrando-se o adoraram. Então abriram seus tesouros e lhe ofertaram presentes: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, retornaram para a sua terra, por outro caminho.” Mt 2, 1-5, 7-12).*

**Juliette Oliveira**

Esse menino seria chamado de Jesus, o Cristo. A mensagem de Jesus sempre foi revolucionária, já falamos disto antes. Jesus sempre foi uma figura ousada para qualquer época da história da humanidade. Enquanto, bebê foi perseguido e procurado para ser morto.

Repare que um homem poderoso se viu ameaçado por um recém-nascido. Talvez, alguns governantes do nosso tempo também se sintam ameaçados por bebês quando pensam em liberar o aborto. Não há explicação lógica para tal crime. E incrivelmente, os anos passam, porém, ainda usam morte de bebês para manobras políticas. Então, não espere que o governo esteja fazendo alguma coisa pensando no seu bem estar, da sua família ou dos seus filhos. A intenção é se manter no poder custe o que custar.

Continuando nossa história. Então, os pais do menino fugiram com ele para o Egito, o salvando da morte e Ele cresceu em graça e sabedoria. Chegando na vida adulta foi seguido por uma multidão e novamente foi perseguido pelos “poderosos”. Resumindo, incomodou bastante por falar a verdade, foi traído por um dos seus amigos, passou pelo calvário, morte de Cruz e ressuscitou no terceiro dia.

É justamente esse menino que os cristãos comemoram seu nascimento todo ano no dia 25 de dezembro, que transformou a vida daqueles que o seguiram de tal modo que sua mensagem chegou aos quatro cantos do globo mesmo depois de mais de dois mil anos e permanece viva. Esse pobre menino era tão revolucionário que mudou não só um povoado, mas o modo de viver do ser humano, dividiu o calendário ocidental em AC (antes de Cristo) e DC (depois de Cristo).

***“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois Eu vim para ser motivo de discórdia entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim os inimigos do homem serão os da sua própria família.” (MT 10, 34-36).***

Contudo, trouxe também a espada e a divisão. Mesmo com uma mensagem de amor e justiça, incomoda até hoje e ainda é motivo de intolerância em muitas regiões. Em alguns lugares, ser cristão é crime e passível de pena de morte. Em outros lugares, é motivo de guerra, disputa de “locais” santos e ainda se mata crianças por motivações políticas revestidas de guerra santa.

Em suma, mais uma vez questionamos, qual o valor da vida? Todo ano escutamos em algum lugar a famosa música da Simone, que nos questiona sobre o que fizemos em um ano. Fizemos o bem? Mas independente disso, o ano finaliza para todos. A vida é cíclica. O ser humano precisa de tempo para plantar e tempo para colher. Mas colhemos o que plantamos. Então, plante em 2024 com sabedoria.

***“Então é Natal, e o que você fez?”***

***O ano termina e nasce outra vez***

***Então é Natal, a festa Cristã”***

## Conhecimento é poder



Há, nas pessoas em geral, uma dificuldade muito grande de entendimento do mundo, das coisas que acontecem ao seu redor, e até mesmo do que lhes é dito, ou do que está escrito. A representação da realidade, para a grande maioria dos indivíduos, é completamente diferente do que existe.

Aqueles que não conseguem entender as coisas como elas realmente são, podem ter essa dificuldade por ausência de conhecimento (como por exemplo as crianças pequenas e os analfabetos), por deficiência mental ou, por fim, por analfabetismo funcional.

Vamos tratar, aqui, desse terceiro grupo de indivíduos. Quem, apesar de estar no gozo pleno de suas faculdades mentais, aceita tudo que lê, vê e escuta sem raciocinar, absorve estórias, ideias, notícias, narrativas, conhecimentos e comentários, sem avaliar sua veracidade, seu enquadramento na realidade e seu verdadeiro objetivo, vendo uma coisa e compreendendo outra, pode ser considerado analfabeto funcional.

Monteiro Lobato eternizou sua célebre frase: “um país se faz com homens e livros”. Porque somente através da leitura, podemos ampliar o nosso espectro de visão e entender a realidade como ela é, e não como nos é contada. Só a leitura pode nos resgatar do analfabetismo funcional. Ler os clássicos, os escritores tradicionais, a literatura que atravessou os séculos, nos dará amplo entendimento da realidade e nos permitirá identificar as falácias que nos são enfiadas goela abaixo.

*Erika Figueiredo*

Embotar a inteligência e impedir o pensamento lógico é uma poderosa arma de dominação, como ensinou Antonio Gramsci, comunista italiano, que escreveu seus Cadernos do Cárcere, ensinando como se implode uma sociedade, dominando-a de dentro para fora: minando suas estruturas de conhecimento, família e religião.

Se entendermos que estupidificar as pessoas é um caminho natural para controlá-las, perceberemos a importância do estudo para a formação do intelecto, e compreenderemos porque a literatura de verdade sumiu das prateleiras das livrarias e do ensino escolar/universitário.

É por causa disso que vemos cada vez menos pessoas capazes de desenvolverem raciocínio, pensamento ordenado, intelectualidade: porque de cinquenta anos para cá, o Brasil encontra-se nesse processo de desconstrução de dentro para fora. Toda a esquerda que retornou do exílio, alojou-se nas Universidades (como professores), na política, na mídia e nas artes. E obedientemente, iniciou o processo ensinado por Gramsci.

Aristóteles dizia que conhece-se uma sociedade pela música que ali se produz. Estamos em maus lençóis... os gêneros musicais e os cantores consagrados e disseminados mundo afora, atualmente, não merecem sequer ser comentados...a juventude não sabe o que é música clássica, nunca ouviu falar de Bach, não imagina o que seja uma ópera. E recebe, pelos ouvidos, esse lixo cultural que é tocado por aí.

Esse processo de idiotização da sociedade, dominação do pensamento e aniquilação da autoridade intelectual é visto em todo o mundo, e foi muito bem explicado por Flavio Gordon em seu livro, *A Corrupção da Inteligência*. Ali ele descreve, passo a passo, a tentativa de destruição do conservadorismo, dos pilares da sociedade, e a implantação de uma nova era de pensamento.

Se observarmos os atuais discursos sobre neutralidade de gênero na linguagem, isso fica facilmente evidenciado. Na Alemanha de Hitler, a linguagem foi sendo modificada, dando-se sentido diverso a determinadas expressões e palavras, a fim de que a população fosse convencida acerca do acerto das estratégias aplicadas pelo nazismo, e de sua necessidade, para proteção do bem comum. Modificar a linguagem e seu alcance é um passo importantíssimo na dominação da sociedade. Afinal, o que há de mais poderoso, do que transformar o pensamento?

Ao analisarmos a lavagem cerebral que o comunismo e o nazismo implantaram nos locais onde foram integralmente aplicados esses regimes de governo, fica nítida a corrupção da inteligência da população, por meio de narrativas mentirosas, as quais foram absorvidas pela comunidade.

Por essa razão, e pela possibilidade de aprendermos com erros do passado, presentes na história, nossa melhor defesa é o ataque. Precisamos investir tudo na educação de qualidade, na Inteligência ordenada para o saber integral e na busca da verdade. Somente assim, poderemos afastar o mal, perseguir o bem e enxergar as coisas como elas são.



*Erika Figueiredo*

Conhecimento é poder. Vence a guerra quem domina as estratégias e sabe a hora certa de atacar, já dizia Sun Tzu em A Arte da Guerra. Vivemos uma guerra contra a Inteligência, que atinge o mundo inteiro. Gerações inteiras estão sendo privadas do aprendizado dos valores morais e espirituais que importam e ordenam a sociedade. Não à toa, o vazio e a depressão se instalaram entre nós. Vamos começar? Já passou da hora, mas ainda há tempo!!!!

Podemos aproveitar nossas promessas de fim de ano, incluindo essa: quero me tornar mais inteligente!

REVISTA

ISSN 2764-3867

## CONHECIMENTO & CIDADANIA

*Com conhecimento se constrói cidadania*

A Revista Conhecimento & Cidadania agora está no TikTok.

Levando luz em uma rede social que precisa muito. Estamos facilitando o acesso ao nosso conteúdo e enriquecendo sua passagem pela citada rede.



[@conhecimentocidadania](https://www.tiktok.com/@conhecimentocidadania)

## O valor da experiência no saber



“Todos os homens por natureza aspiram ao saber. Sinal disso é a estima dos sentidos.”

Com essa célebre frase que propositalmente não está completa, Aristóteles inicia sua metafísica, seguindo a ideia da frase farei uma relação com nosso importantíssimo momento histórico. Segundo Aristóteles, há vários graus do saber, entre eles destaco, episteme - saber demonstrável e Nous - saber por intuição.

Em episteme temos a técnica e a experiência que são fundamentais para este nível de aprendizado. Aproveito para relembrar Platão, quando cita em sua teoria do conhecimento a opinião vulgar, quando temos uma informação sem qualidade e a reta opinião, quando a qualificamos com um aprofundamento do tema.

Aristóteles escreve que a técnica é possível ensinar para com ela aprendermos qualquer coisa e é universal, por exemplo: se temos a técnica para tocar violão, seja qual violão for, a técnica para tocar é a mesma.

Nesse sentido a técnica é superior a experiência, porém é um saber automático, por hábito, embora consciente e expansível, por interferir na história, mas não mudar o homem. Já compreendemos que nunca alcançaremos nosso propósito se tentarmos mudar a história sem seu agente direto, o ser humano.

*Edson Araujo*

Para tanto entra em cena um outro grau de saber, que é a experiência. Nela, temos um contato pessoal com cada situação e aprendemos de maneira particular se acordo com nosso nível de consciência, e que pode influenciar o coletivo, pois todos vivenciamos experiências, ainda que sem perceber.

A ideia aqui no texto é mostrar que nada é por acaso e que toda a nossa evolução, seja pessoal ou em sociedade é sempre baseada em experiência e nunca em técnica, pois a técnica é um saber demonstrável e a experiência é um saber por reflexão; embora para tanto é necessário o mínimo de espiritualidade. (embora estávamos numa sociedade que incentiva cada vez mais o materialismo, talvez por interesse próprio).

Temos presenciado durante décadas ou séculos, estratégias e táticas para tornar a massa cada vez mais distante da espiritualidade e o resultado disso podemos vivenciar experimentando uma sociedade cada vez mais egoísta e distante de um nível satisfatório de felicidade.

Sem a menor noção das leis naturais e com conceitos cada vez mais deturpados dos elementos fundamentais da vida, os líderes vão criando leis baseadas em suas ideias e quando suas leis não funcionam pressionam ainda mais com outras leis que na verdade são apenas papéis escritos num ritual burocrático sem o menor sentido para a consciência do cidadão.

Com estas poucas linhas creio ter conseguido clarear o tema, no entanto, falta relacionar com o momento atual.

Para isso vou acrescentar ao texto um poema de autoria desconhecida que virá bem a calhar.

" Eu pedi forças a Deus e ele me deu dificuldades para me fazer forte.

Eu pedi sabedoria e ele me deu problemas para resolver.

Eu pedi amor e Deus me deu pessoas com problema para me ajudar.

Eu pedi favores e Deus me deu oportunidades.

Não recebi nada que pedi, mas tive tudo o que precisava..."

Um poema é sempre uma ótima ferramenta para refletir e por isso quero propor uma reflexão baseada no poema e na teoria de Aristóteles.

A filosofia mostra que a consciência nasce no contraste, ou seja, notamos o que nos falta por complemento quando percebemos o contrário.

Nessa linha pensemos:

Por que queremos um mundo mais justo? Percebemos a ausência da justiça?

Se sim, por que não percebemos sua perda gradativa?

Estaria Deus agindo como um pai que priva seu filho de algo para fazê-lo valorizar?

Ou talvez estejamos desidratados apenas por que não damos valor ao simples gesto de beber água e nesse caso, Deus nada teria a ver com isso e estaríamos apenas colhendo o que plantamos?

**Edson Araujo**

Em tudo que temos visto acontecer mundo afora, não seria as ferramentas necessárias para a construção de um mundo melhor?

Nesse sentido, o que está acontecendo em nossa sociedade não seria exatamente um grande mal, mas as oportunidades que tanto precisamos para construir o país que pedimos a Deus?

Ressalto que o tempo é fundamental nesse caso, pois se cortamos aquela árvore que nunca notamos o quanto bem nos fazia e agora conscientes da sua falta, adiantaria plantar uma muda e achar que amanhã estaria lá frondosa como a que retiramos no dia seguinte?

Não! claro que não; resta agora plantar, regar, podar, adubar e esperar para que a seu tempo desfrutemos de seus benefícios e o tempo será o natural. (Se fizermos tudo corretamente o com perseverança).

Em síntese: Estamos vivenciando as experiências necessárias para aprendermos e assim termos a consciência necessária para reconstruir o que perdemos ou construir o que idealizamos.

São apenas experiências e serão elas que nos forjarão, para a batalha da vida, para uma vida melhor para nós e para os que virão. Se olharmos para a situação de maneira natural estaremos protegidos do ódio, do medo, da revolta e de tantas outras emoções que se acompanharem nossa jornada nos farão débeis e incompetentes para nosso tão nobre propósito: trazer a nós o reino de Deus.

Vivamos as experiências e aprendamos, pois outras virão e se tivermos logrado sucesso teremos construído mais um andar no edifício do conservadorismo estaremos mais próximos de uma sociedade justa e bela.

Que Deus abençoe nossa jornada!



## O que a Matrix queria nos dizer



Em 1999 o cinema, em especial os filmes de ficção, viram uma pequena revolução nas telas chamada “Matrix”. Uma revolução que se dava não só do ponto de vista técnico, cujo apuro e a criatividade saltava aos olhos, mas também estética. Poucos filmes na história do cinema trabalharam com tanta competência as entranhas do arcabouço espiritualista do Ocidente, explorando suas nuances esotéricas e seus elementos místicos, cuidadosamente costurados em um roteiro distópico e, por consequência, visionário e profético ao mesmo tempo, alertando sobre os perigos de uma Inteligência Artificial. “Matrix” faz parte de uma trilogia sombria que começa em “2001: Uma Odisseia no Espaço”(1968), e tem seu intervalo em “O Exterminador do Futuro”(1984). Há um pouco de Stanley Kubrick e James Cameron no filme dos irmãos Washowski, Andrew e Laurence, artistas trans que passaram a se chamar Lilly e Lana, respectivamente. Afeitos a distopias, é deles o roteiro e a produção do cult “V de Vingança”(2006), um personagem dos quadrinhos criado por Alan Moore, mas que é transportado para as telas com um perfil claramente inspirado em Neo, personagem icônico de “Matrix”, vivido por Keanu Reeves. E, como toda distopia que se preze, essa pequena obra-prima da ficção científica trabalha com uma sofisticação poucas vezes vista no cinema os temas que foram alinhavados por mentes como Orwell, Huxley e Wells, entre outros, dentre os quais podemos destacar:

**A narrativa dos sentidos: quando a realidade é a vilã.**

Em uma das cenas mais sufocantes de “Matrix”, o jovem hacker Thomas Anderson, ao ser interrogado pelo agente Smith, se vê preso a uma situação distópica sobre a qual não tem nenhum tipo de controle ou relevância. Não importa o que pensa, quais são os seus direitos ou ainda se há provas que sustentem a acusação que lhe é feita pelo agente. Ali só lhe cabe escolher entre “nós” ou “eles” e, neste caso, o escolher “eles” seria não só uma confissão de culpa como uma atitude hostil.

Em dado momento, ao tentar exercer seu direito de liberdade de expressão, vê-se com a boca devidamente lacrada, como em um pesadelo, o que de fato lhe parece ao acordar de repente em sua cama um tempo depois. Thomas, já dando os passos iniciais para se tornar Neo, o “novo homem” liberto daquela distopia virtual, ainda não era capaz de entender que quem havia fechado sua boca era o dono na narrativa ilusória que era vendida para o mundo como sendo realidade. Um mundo construído e projetado para servir à vontade daqueles que o criaram, e que, por se sustentar em conceitos e devaneios insanos gerados na mente de perturbados mentais e espirituais, não aceitava a presença de “corpos estranhos” que questionassem elementos que só subsistem em ambientes reais, como a verdade e a liberdade.

Jesus, o Messias, ao dizer “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, **João 8:32**, poucos perceberam a profundidade da declaração. Toda e qualquer negação da verdade caminha para o cerceamento da liberdade. E inicia uma jornada rumo à barbárie, que pode ser de tal maneira multiforme, que se pulveriza sobre todos os setores da sociedade com a sutileza de enxames de gafanhotos sobre as plantações. Pelo bem dos gafanhotos não deveríamos matá-los, afinal estão se alimentando. Não importa se o seu banquete vai causar a fome e o prejuízo a milhares de pessoas que dependiam da colheita, não é mesmo?

Ao tapar a boca do angustiado Anderson/Neo, a Matrix, o sistema, o mecanismo, a Spectre, chame do que quiser, mostrou o risco que é desafiar um sistema totalitário e qual é sempre o seu primeiro alvo: sua liberdade de expressão. Não é o que fazem todos os sistemas totalitários assim que são implementados em sua inteireza? Controle de mídia, de internet, de telecomunicações, de telefonia... e aí de quem se indispor com as ilusões e mentiras que eles produzem diariamente, na ânsia de manter o status quo de seu Olimpo virtual imaginário. Logo eles não só te dirão o que você não pode dizer, mas o que deve. Farão você olhar para um cavalo e te dizer que é uma vaca. Te farão pensar que é normal mentir, deturpar, iludir, manipular e elucubrar, de tal maneira que, assim como personagem Cypher, você achará que é melhor, mais confortável e seguro viver em um mundo de faz de conta, mesmo sabendo que ele é uma mentira que se alimenta da liberdade alheia. É a narrativa dos sentidos. O mal transformado em lei. A inversão das leis e tradições naturais e humanas, responsáveis pela nossa sobrevivência até aqui.

### *Neto Curvina*

Hanna Arendt diz que “O terror, como execução da lei de um movimento cujo fim ulterior não é o bem-estar dos homens nem o interesse de um homem, mas a fabricação da humanidade, elimina os indivíduos pelo bem da espécie, sacrifica as ‘partes’ em benefício do ‘todo’.”. Lembra dos gafanhotos?

O que o sistema quer é calar a humanidade ‘real’ para assim dar voz a uma “humanidade” gerada por ele próprio. Ele não aceita o que é verdadeiro, o que é racional, o que é factível, o que é justo, o que é honesto, o que é certo. Ele te acusa de infringir as “regras da comunidade”, mas esquece de dizer de qual comunidade está falando e quem criou as regras. Não precisa, nós sabemos quem fez e faz tudo isso. E são exatamente por esses motivos que tudo isso uma hora irá pelos ares, como bem advertiu Schopenhauer: “Que o mundo possui apenas uma significação física, e nenhuma moral, constitui o maior, o mais condenável, e o mais fundamental erro, a própria perversidade da mentalidade, e provavelmente forma no fundo aquilo que a fé personificou como o anticristo.”.

#### **A desconstrução espiritual como vetor de ignorância.**

“Você precisa entender, a maioria destas pessoas não está preparada. E muitas delas estão inertes, tão desesperadamente dependentes do sistema, que irão lutar para protegê-lo” (Morpheu). Desesperadamente dependentes.

Não é fácil determinar com precisão a essência dessa dependência. Alguns sequer precisariam dela, mas lutam para mantê-la, o que leva a crer que ela transcende o mundo material. Síndromes e complexos poderiam explicá-la. Alguma disfunção moral ou psicológica. Mas não posso dissociar o evento de questões espirituais. Não há como.

O apreço das sociedades por tipinhos burlescos como Biden e Boulos ultrapassa os ditames da psicologia e da psiquiatria. Obviamente isso não pode ser normal, embora, pasmem, seja natural. Natural dentro daquilo que as Escrituras dizem ser natural.

Frases como “O mundo inteiro jaz no maligno” (**I João 5:19**) e “A imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice” (**Gênesis 8:21**), são algumas que expõe o que Yeshua chamou de “mundo”, a TV chamou de “mecanismo”, os teóricos chamaram de “establishment” e o cinema chamou de “Matrix”.

Tal organização teoricamente é imbatível. Em **Lucas 16:8** Yeshua diz que “Os filhos das trevas são mais astutos (prudentes) que os filhos da luz”, conforme já avisava o profeta, “Mais numerosos são os filhos da abandonada do que os filhos daquela que tem marido” (**Isaías 54:1**).

E é por isso que esse mundo precisa chegar ao seu ocaso, e todos devem ser postos diante do trono do juízo do Eterno, porque o sistema foi e é feito para gente exatamente como nós, que o amamos e,

*Neto Curvina*

mesmo sem muitas vezes precisarmos dele ou nos beneficiarmos com ele, o protegemos, porque ele representa aquilo que carregamos em nós desde o nascimento: o pecado e a corrupção.

É o que vai separar bodes de ovelhas quando soar a última trombeta. E ela está cada vez mais perto. Mais do que muitos imaginam. E quanto mais os cada vez mais raros pregadores anunciarem tudo isso, menos gente eles terão para ouvi-los, porque a verdade incomoda. E é por isso que o sistema sempre mente. Porque ele sabe que gostamos disso. Yeshua virá.

**A fragmentação das tradições judaico-cristãs.**

O que muitos às vezes deixam passar despercebido é a grande mensagem que está por trás da resistência à Matrix.

Ela só foi possível por conta de um detalhe: a FÉ de Morpheus em uma PROFECIA.

Esse é o recado. A senha. A chave.

Em um mundo dominado por sistemas, tecnologia, máquinas, inteligências artificiais e programas de computação, um homem com inabaláveis convicções espirituais precisou ir até o fim em suas crenças para poder despertar os que estavam à sua volta.

Morpheus era a único que conseguia ver além do óbvio, do aparente, do palpável, do material. Era visto até mesmo pelos seus como um "teórico da conspiração". Mas o problema desses caras é que quase sempre sua fé é mais consistente do que os frágeis argumentos que o sistema usa para controlar seus escravos.

Não existe outra forma de encarar o sistema.

E ele – o sistema – sabe disso.

E como tem sido eficiente em denegrir, distorcer e perseguir a fé, porque ele sabe quem é a sua principal inimiga.

“Buscai ao Senhor enquanto se pode achar; invocai-o enquanto está perto” (Isaías 55:6).



## A festa mais importante da terra



Todo fim de ano é assim: árvores enfeitadas, Papai Noel, luzes piscantes, tudo parece estar mais bonito e brilhante. Mas, de onde veio o Natal? E por que muitos se sentem infelizes nesta data?

De acordo com maior parte dos historiadores, a festa originalmente era destinada a celebrar o nascimento anual do *Deus Sol* no solstício de inverno. A festividade foi ressignificada pela Igreja Católica no século III para estimular a conversão dos povos pagãos sob o domínio do Império Romano e então passou a comemorar o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Hoje, o Natal é uma festa que comemora o nascimento de Cristo, embora a Bíblia apresente fatos de que o Filho de Deus veio ao mundo no mês de Nisã do calendário hebraico (entre Março/Abril do calendário gregoriano), onde faz calor no hemisfério norte, o que explica o trecho do Evangelho de Lucas 2.8-15.

A árvore de Natal é considerada por alguns como uma “*cristianização*” das tradições e rituais pagãos em torno do Solstício de Inverno, que incluía o uso de ramos verdes, além de ser uma adaptação de adoração pagã das árvores.

Uma série de figuras de origem cristã e mística têm sido associadas ao Natal e às doações sazonais de presentes. Entre estas estão o Papai Noel.

A origem do nome em inglês *Santa Claus* pode ser rastreada até o *Sinterklaas* holandês, que significa simplesmente *São Nicolau*. Ele tradicionalmente aparecia em trajes de bispo, acompanhado por ajudantes, indagando as crianças sobre o seu comportamento durante o ano passado antes de decidir se elas mereciam um presente ou não.

## *Danielly Jesus*

Mas, por que mesmo com toda esta “*magia natalina*”, muitos sentem-se angustiados? Por que mesmo com as luzes, os presentes e tudo o que é de direito, há quem não se alegre com esta data?

A frase que direi soará clichê, mas a utilizarei mesmo assim: *Jesus precisa nascer em seu coração*. Com certeza o leitor já ouviu diversas vezes, mas não se atentou para a preciosidade que existe nela.

Certa vez, Nicodemos, um dos fariseus mais renomados de sua época, encontrou-se secretamente com Jesus:

***“Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.***

***Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.” (João 3:2,3)***

O que é nascer de novo? É quando “*morremos*” para o mundo, para tudo aquilo que não agrada a Deus, e “*nascemos*” para Ele. Apenas desta forma Jesus pode viver em nós.

Um outro exemplo é dado pelo próprio Senhor Jesus quando fala do vinho e dos odres:

*“E ninguém deita vinho novo em odres velhos; de outra sorte o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão;*

*Mas o vinho novo deve deitar-se em odres novos, e ambos juntamente se conservarão.” (Lucas 5:37,38)*

O odre desta parábola somos nós; se nós nascemos de novo, estamos “*novos*”, então o “*vinho novo*” (Senhor Jesus) poderá habitar em nós, “*nascer*” em nós.

Quem nasceu de novo é um ser completo; não precisa de luzes, presentes, “*magia natalina*”, nada disso para ser feliz. É por isso que, nesta época do ano, há tantos que se sentem sozinhos, mesmo cercados de pessoas. Há um vazio que necessita ser preenchido pelo “*vinho novo*”.

Quando os pastores foram avisados do nascimento de Jesus, os anjos cantaram:

*“E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:*

*Glória a Deus nas alturas!” (Lucas 2:13,14)*

Esta mesma festa ocorre nos céus a cada vez que Jesus “*nasce*” no interior de alguém.

Se o seu fim de ano, caro leitor, não foi da forma como imaginava, talvez a resposta esteja neste humilde artigo que lhe escrevo. Neste momento, faça uma oração sincera e entregue este “*odre velho*” ao Senhor. A festa mais importante da terra não é o Natal, mas aquela que acontece nos céus:

*“Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende” (Lucas 15:7)*

## Entre a desonra e a biografia

A história do Acordo de Munique, assinado em setembro de 1938, é marcada por uma viagem crucial do então primeiro-ministro britânico, Neville Chamberlain, que buscava evitar um conflito armado na Europa e apaziguar as tensões que levaram à Segunda Guerra Mundial. No entanto, as consequências desse acordo e as críticas subsequentes feitas por Winston Churchill revelaram-se fundamentais para a compreensão dos eventos que se desenrolaram naquela época.

Neville Chamberlain, conhecido por sua política de apaziguamento, viajou para Munique em setembro de 1938 para uma reunião crucial com Adolf Hitler, líder alemão, Benito Mussolini, líder italiano, e Édouard Daladier, líder francês. O objetivo era resolver a crise dos Sudetos, região da Tchecoslováquia habitada principalmente por alemães étnicos.

A negociação resultou no Acordo de Munique, que permitiu a anexação da região dos Sudetos pela Alemanha, sem oposição internacional. Chamberlain, ao retornar a Londres, declarou que havia alcançado “*paz para o nosso tempo*”. Contudo, a aparente diplomacia bem-sucedida logo se tornaria alvo de críticas intensas.

Apesar da aparente estabilidade temporária proporcionada pelo Acordo de Munique, este revelou-se uma concessão desastrosa. Hitler não demorou a ignorar os compromissos do acordo, e em março de 1939, ele anexou o restante da Tchecoslováquia, contrariando claramente os termos estabelecidos.

O Acordo de Munique alimentou a agressão alemã ao fornecer a Hitler uma sensação de impunidade e fraqueza por parte das potências ocidentais. O episódio ilustrou as limitações da política de apaziguamento, que se mostrou incapaz de conter as ambições expansionistas do regime nazista.

Winston Churchill, que havia alertado repetidamente sobre a ameaça representada por Hitler, criticou veementemente o Acordo de Munique. Em um famoso discurso no Parlamento britânico, em 5 de outubro de 1938, Churchill expressou sua preocupação com as consequências do acordo, afirmando que: “*Entre a desonra e a guerra, eles escolheram a desonra e terão a guerra*”.

Churchill percebeu a fragilidade da paz baseada em concessões semelhantes e previu que o Acordo de Munique levaria a um conflito ainda mais amplo e destrutivo. Sua crítica ressoou mais tarde, quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, reforçando a importância de resistir às agressões e não ceder diante de ditadores expansionistas.

O Acordo de Munique é frequentemente lembrado como um exemplo de diplomacia falha e da ilusão de que concessões excessivas podem garantir a paz. As consequências desse acordo foram severas, alimentando a máquina de guerra nazista e contribuindo para a eclosão de um conflito global.

A tragédia de Munique transcende os anais da História, transformando-se em uma narrativa que

**Maurício Motta**

ressoa com lições atemporais. O Acordo de Munique, apesar de sua busca por uma paz efêmera, ilustra as limitações da diplomacia que evita confrontos. A crítica de Churchill, com suas palavras evocativas, serve como um farol, indicando a importância de resistir às sombras da agressão e manter os princípios fundamentais.

Na trama de Munique, aprendemos que a diplomacia deve ser conduzida com sabedoria, discernindo entre a paz genuína e o teatro das sombras. O legado de Munique é uma advertência de que concessões excessivas podem alimentar monstros, e a verdadeira paz muitas vezes exige a coragem de resistir aos tiranos.

A história é muitas vezes um intrincado tecido, entrelaçando as ações de líderes em diferentes épocas. A postura adotada por Neville Chamberlain no contexto do Acordo de Munique ecoa por décadas, suscitando comparações intrigantes com líderes posteriores, notadamente Ronald Reagan, Yitzhak Rabin, George W. Bush e Margaret Thatcher.

Enquanto Chamberlain buscava apaziguar e evitar conflitos iminentes na Europa, sua abordagem de negociação com Adolf Hitler revelou-se controversa. Em contraste, Reagan, o "presidente da resolução", destacou a firmeza como uma ferramenta vital contra o terrorismo quando disse: *“Quando as pessoas veem uma negociação, elas veem fraqueza”*. Suas palavras ressoam quando Chamberlain, em sua busca por apaziguar, se viu ultrapassado pelos eventos que se desenrolariam.

A postura de Rabin, líder israelense e veterano de conflitos, alinha-se de maneira notável com a firmeza de Reagan. *“Nós não negociamos com terroristas. Nós os combatemos”*. Ambos rejeitaram a negociação com terroristas, cientes de que ceder a tais demandas poderia alimentar um ciclo de violência interminável.

George W. Bush, em resposta aos ataques de 11 de setembro, pronunciou palavras que reverberam no contexto de Munique: *“Nós não fazemos concessões a terroristas. Nós não nos curvamos ao medo. Você não negocia com terroristas, você os derrota”*. Essa assertividade contrasta vividamente com a abordagem de Chamberlain, cujas negociações resultaram em concessões que apenas estimularam a agressão.

*“Nós não negociamos. Não negociamos com pessoas que tomaram outros territórios e que estão invadindo. Eles precisam sair. Essa é a única negociação que teremos”*, disse Margaret Thatcher, durante a crise das Malvinas, demonstrando uma determinação semelhante à de Reagan. Sua recusa em negociar a soberania das ilhas era uma afirmação clara de que, em face da invasão, não haveria compromissos.

Ao observar esses líderes em retrospectiva, é inegável que a postura de Chamberlain em Munique, embora influenciada pelo contexto único da época, destoa significativamente da firmeza

**Maurício Motta**

subsequentemente demonstrada por Reagan, Rabin, Bush e Thatcher. A lição que emerge é a de que, em questões de segurança global, a resolução muitas vezes supera a diplomacia complacente, marcando uma distinção crucial entre ceder a ameaças e resistir à tirania.

Feita a apresentação dos eventos históricos que antecederam a Segunda Guerra Mundial e, apresentados os contrapontos à postura conciliatória de Chamberlain, por meio da firmeza das ações de nomes como Reagan, Rabin, Bush e Thatcher, voltaremos ao título deste artigo: “Entre a desonra e a biografia”. Caso o título, associado ao conteúdo apresentado até este parágrafo, ainda não tenha sido suficiente para que o leitor se localize sobre verdadeiro protagonista deste artigo, esclareceremos. Em verdade, buscamos fazer um paralelo entre um importante fato histórico e a postura do senador Sérgio Moro em 13/12/2023, durante a sabatina do candidato a uma das cadeiras no Supremo Tribunal Federal (STF), e atual titular do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino. A postura sorridente e conciliatória de Moro diante de Dino, a troca de sorrisos, a camaradagem aparente, guardadas as devidas proporções, poderiam apontar para a postura de Chamberlain durante o encontro em Munique. A fala de Moro: *“Eu sempre deixei muito claro que tenho diferenças com o atual governo, e vossa excelência faz parte do governo, tenho diferenças profundas, e tenho sido um crítico, inclusive, da gestão de vossa excelência, mas não perderei a civilidade. E acho que esse país precisa disso, para que nós possamos diminuir a polarização”*, nos faz lembrar a histórica foto de Chamberlain, acenando com o acordo assinado em Munique em suas mãos: *“paz para o nosso tempo”*.



Aos olhos de hoje, o gesto de Chamberlain parece ingênuo, assim como a postura do senador transparece ingenuidade ou, algum outro sentimento que somente poderia ser explicado convenientemente pela livre interpretação de uma fala do Ministro Dino, quando este respondia a repórteres sobre o suposto voto favorável de Moro à sua entrada no STF: *“Acho que somente ele e Deus sabem. Eu realmente não sei”*. Crer que existe conciliação entre visões de mundo diametralmente opostas, somente por uma milagrosa intercessão divina poderia ser alcançada a graça e o milagre de uma explicação.

Os fatos estão expostos: o senador Sérgio Moro tem em sua famosa biografia, a atuação durante a

**Maurício Motta**

“Operação Lava Jato”, que foi determinante para o desenrolar da história recente do Brasil. Também é fato divulgado amplamente nos meios de comunicação, que a figura do senador pode ser uma “*persona non grata*” para alguns setores da política nacional. Finalmente, outro fato é que a Procuradoria Regional Eleitoral do Paraná, pediu na noite do dia 14/12/2023, a cassação do mandato do senador Moro por abuso de poder econômico na pré-campanha de 2022. Também foi pedida a declaração de inelegibilidade do senador. Apenas um dia após o acordo de Munique... perdão, um dia após a sabatina no Senado Federal.

Vozes vindas de 1938 ecoam em tom profético a fala adaptada de Winston Churchill: *Entre a desonra e a cassação, eles escolheram a desonra e terão a cassação*. Mas como dizem alguns exegetas, as profecias não são necessariamente previsões de fatos que ocorrerão no futuro, mas antes são alertas para que os homens retifiquem suas veredas, a fim de que as profecias de fato não se cumpram, mas que os homens sejam salvos. No caso do senador, caso seu objetivo tenha sido o de se alinhar ao grupo que antes era alvo de seu julgamento, que triste fim de Policarpo Quaresma. Por outro lado, se buscou ceder sua biografia em troca da salvação de seu mandato, poderá ter seguido o mesmo caminho de Chamberlain: “*paz para o nosso tempo*”. O fim desta história só o tempo poderá mostrar, mas por hora é o que há enquanto os últimos dias de 2023 se esgotam.

A todos os leitores da [Revista Conhecimento & Cidadania](#), desejamos um Feliz 2024, com muita força, fé e coragem. Até breve!



MENEZES COSTA  
COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA

# Livraria

# Curso Menezes Costa



REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA  
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

E-book  
2ª edição especial



REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA  
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial



Leandro dos Santos Costa (autor) e Munique Menezes Costa (autora)

## Direito nas Escolas

Volume I  
Noções de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

## O Fantasma Camarada



A palavra camarada é utilizada para designar um companheiro, um aliado ou correligionário, o termo quer dizer colega de câmara, para alguns uma derivação de colega de cômodo ou alojamento, tratando assim, de forma amistosa, aquele que tem objetivos em comum e que, em regra, luta pela mesma causa. O termo é utilizado por socialistas, ou comunistas, como tratamento aos seus pares ideológicos, criando a imagem de fraternidade entre s adeptos de tais ideais, o que é parcialmente falso.

O objetivo de tal tratamento é fingir que todos são iguais em uma sociedade socialista, o que sabemos é uma clara mentira, capturando a lealdade dos mais incautos diante da falsa promessa de uma assimilação em uma espécie de grande família. O socialismo é uma espécie de seita pregando a utopia do paraíso na terra, o qual chama de comunismo.

Ressignificando as palavras para pôr em prática seus jogos políticos, os socialistas são especialistas na confusão e, conseqüentemente, corrupção da linguagem, de tal maneira que podem usar tais artificios para criar armadilhas aos que assumem a comunicação conforme seu, propositalmente, distorcido vernáculo. Quando alguém define uma mulher como mulher “cisgênero”, está admitindo, ainda que indiretamente, que a identificação com a verdade é relevante, portanto, acreditando que mulheres transgênero são de fato mulheres, por analogia, imagina-se que alguém que use a expressão “homem humano”, está assimilando que possam existir homens não humanos.

*Leandro Costa*

No doentio estado atual das coisas, é preciso explicar o óbvio, e, infelizmente, será necessário uma pausa para explicar que a simples negação da existência de mulheres trans, não pode configurar crime de transfobia, em que pese tal crime sequer deveria existir no ordenamento jurídico brasileiro, posto que, trata-se de uma criação ao arrepio da Lei Maior. Assumindo que transfobia seja uma infração penal, mesmo que gestada por um poder que não poderia fazê-lo, em uma casa que tem como principal função impedir que tal aberração ocorra, faz-se necessário afastar a hipótese diante da simples negação da existência de pessoas que podem se identificar como algo de forma a sobrepor sua vontade à realidade.

É inadmissível utilizar-se de um comando legal para que, em nome do combate ao racismo, as pessoas sejam obrigadas a afirmar que todos os seres humanos possuem a mesma cor de pele, de maneira que seríamos todos iguais. Notadamente, chamar alguém de negro não poderia ser considerado racismo, pois é mera constatação, de igual forma, negar o tratamento conforme a vontade, por força da verdade, ou exprimir a constatação que mulheres são mulheres e homens são homens, independente de sua vontade, decorre da constatação, não sendo uma agressão àquele que se identifica como algo que não é.

Voltando ao nosso fantasma, é preciso constatar que um indivíduo comunista ou socialista, no caso das pessoas as duas palavras são praticamente sinônimos, não precisam viver em uma sociedade comunista ou socialista, caso em que os termos se diferem. Tais figuras são devotos da ideologia e não necessariamente conseguem vivenciá-la, seja por não poderem se impor ou por sua fraca disposição.

Quando se afirma que, em se tratando dos indivíduos, comunista e socialista são praticamente sinônimos, é importante compreender que um socialista comum acredita que o sistema é meio para se chegar ao comunismo, logo, pode-se dizer que todo comunista é socialista, pois vê no socialismo como o processo pelo qual chegar-se-á ao ideal utópica, ignorando ser inatingível, do comunismo. Por outro lado, não se pode afirmar que todo socialista seja um comunista, uma vez que, os líderes revolucionários, salvo algumas exceções, sabem que a promessa não se realizará e que o processo perdurará, mantendo-os assim no poder.

Enquanto as massas, comunista, acredita que o período autoritário tem como finalidade destruir opressores e a libertar para uma sociedade livre de desigualdade, na qual a grande família divide de forma igual os abundantes bens que produz com prazer, pois a todos tudo pertence, os líderes revolucionários, socialista não comunistas, apoiam-se em falsas promessas e no uso do autoritarismo para perpetuarem-se no poder, deixando claro que são muito piores em se comparando aos que outrora eram considerados opressores.

O inatingível comunismo é a mentira que seduz os tolos para que se atirem às presas do socialismo.



*Leandro Costa*

Ao constatarmos que o socialismo busca ascender ao poder e, chegando lá, recusará deixá-lo em nome de uma transloucada busca por uma utopia de igualdade, ainda que tal busca se resuma a um espetáculo cênico para manter os iludidos em transe, percebemos que o fantasma do comunismo é a entidade que alimenta a mentira dos líderes revolucionários e a fé doentia de seus seguidores.

Sim, o comunismo é um fantasma, mas não por ser uma criação fantasiosa de quem busca impedir os revolucionários em sua escalada pelo poder, mas uma criação dos próprios senhores da revolução para que seu rebanho siga-os em direção ao abate. O espectro alimenta a fé de hordas bestializadas que clamam por mais açoites e negam servirem aos piores déspotas, assumindo o vernáculo de seus mestres mesmo quando nitidamente contraditório.

A figura amedrontadora, não por sua aparência mas por sua história, que deixou um rastro inigualável de sangue por onde passara, causa um sentimento de repulsa e insegurança. Conhecido por condenar suas vítimas a toda forma de degradação, matando em campos de concentração ou mesmo de fome, a praga que se se finge inofensiva assume a forma que lhe convir para seduzir suas presas.

O comunismo, conhecidamente nefasto, por vezes precisa negar sua própria existência para corroer a sociedade, atribuindo sua natureza à imaginação daqueles que o denunciam. Os adeptos da seita, seguindo orientações de seus mestres, buscam incutir em mentes alheias aos acontecimentos que a escalada do comunismo ao poder, nada mais é que teorias da conspiração e que o fantasma do comunismo, nada é além de uma lenda.

Ignorar a intenta dos socialistas é a maneira mais simples de permitir-lhes a ascensão ao poder, deixando-os correr todas as estruturas da sociedade até que sejam tão fortes a ponto de se revelarem, mas só o farão quando acreditarem que não podem ser parados. Os que se assumem socialistas estão convictos que seu poder não encontra obstáculo capaz de impedir sua manutenção no topo, por outro lado, os menos presunçosos assumem uma postura de negação, fingindo que não há um plano de poder revolucionário em curso.

Quando um líder se assume como comunista, acredite, ele se considera inalcançável, todavia, se outros tentam negar que há um processo de tomada de poder em curso por comunistas, mesmo falseando as alegações com ar de jocosidade, tenha em mente que estes ainda esperam o momento oportuna para dar o bote, são ardilosos o suficiente para manter sua mentira até que, em sua visão de mundo, tenham convicção de que a vítima, a sociedade, não tem mais forças para reagir.

Negar a intenta comunista, criando um factóide é a ação de tiranos ainda mais sem escrúpulos que os que se assumem como mal.

*Leandro Costa*

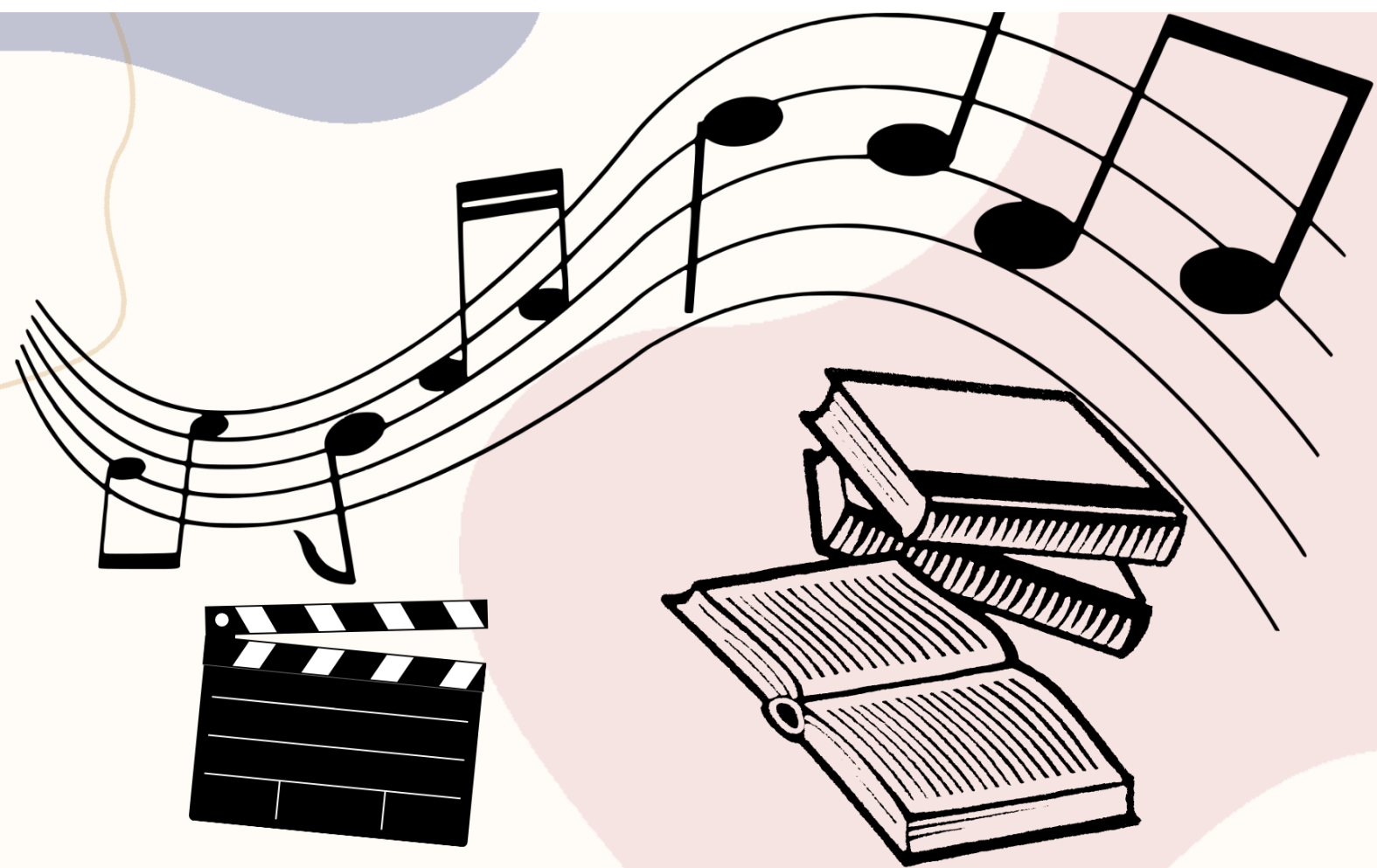
O Fantasma Camarada é real e a fé de seus seguidores é doentia, pois tenta corroer a civilização ao passo que nega sua própria existência, pois sendo uma crença relativista, admite a dissimulação como meio de atingir seus objetivos. Igualmente, não há como negar que há socialismo quando há adeptos de tal ideologia, haja vista que, como processo em busca de um fim, sempre que possível, seus adoradores o colocaram em prática.

*“O truque mais esperto do Diabo é convencer-nos de que ele não existe”.*

Charles Baudelaire, Le Joueur Généreux, 1864.



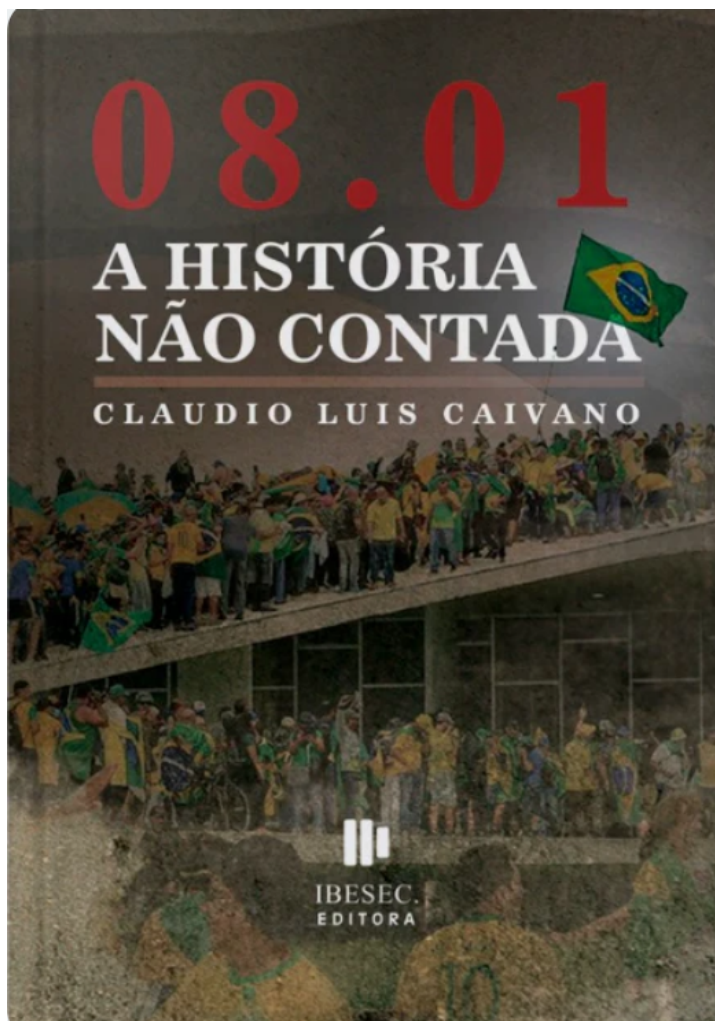
# Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

**Edição realizada por Leandro Costa e Edson Araujo**

# Dica de Livro



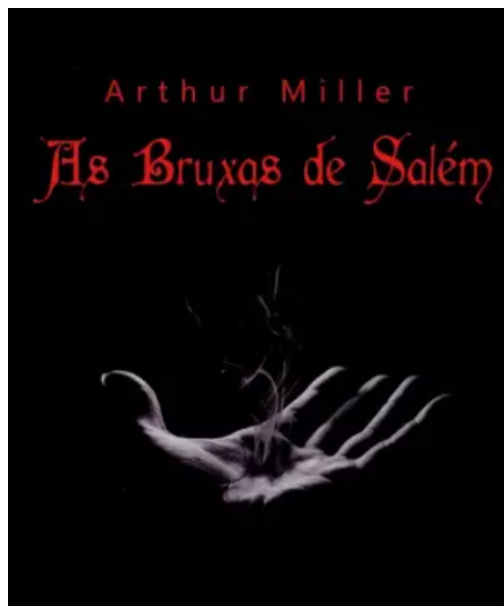
## **08:01 A história não contada**

O Dr. Claudio Luis Caivano defendeu quatorze dos presos políticos no 08.01, em Brasília, Distrito Federal, contudo, o autor acompanhou de perto as manifestações, acampamentos em frente aos Quartéis Gerais do Exército Brasileiro e o avanço de medidas repressivas desde a pandemia até a fatídica data que dá nome ao seu livro.

Quando ocorreu o 08.01, o autor estava em Piracicaba, interior de São Paulo, com a família, mas não demorou a socorrer aqueles aos quais pôde atender. Se os primeiros capítulos são dedicados ao “como chegamos até aqui”, o ápice do livro é a narração de quem lutou pelos direitos dos presos políticos.

Adquire o seu exemplar, [clikando aqui](#)

## Dica de Filme



### As Bruxas de Salém

#### Sinopse

Em Salem, Massachusetts, 1692, algumas jovens fazem "feitiços". Uma delas, Abigail Williams (Winona Ryder), tinha se envolvido com John Proctor (Daniel Day-Lewis), um fazendeiro casado, quando trabalhou para ele, mas após o fim do caso foi despedida. Assim, desejava a morte de Elizabeth Proctor (Joan Allen), a esposa deste. Elas são descobertas no seu "ritual" e, acusadas de bruxaria, provocam uma histeria coletiva que atinge várias pessoas, sendo que Abby, a jovem desprezada por John, faz várias acusações até ver Elizabeth ser atingida. (fonte: [Adorocinema](#))

#### Nossa opinião

O filme trata de julgamentos movidos pela vontade da acusadora (Abigail Williams), que se faz de vítima, e da autoridade local, sendo a primeira levada por uma questão passional, buscando forçar o protagonista a amá-la, o que se mostra impossível, a autoridade, que é o pai da acusadora, pela ganância, posto que, o acusado possui considerável porção de terras, o que desperta o desejo do pai de Abigail, em verdade, as acusações de bruxaria eram convenientes para o senhor que via a chance de enriquecer.

Embora Abigail desejasse a morte da esposa de John Proctor, para assim ter o amor do fazendeiro, a coisa sai do controle da jovem quando o destino de seu amado segue o de sua falecida esposa, uma vez que, a sanha expropriatória do pai de Abigail precisa eliminar John.

O ponto alto do filme é como indivíduos que usam da injustiça, com Abigail, acabam sendo destruídos pelo mesmo poder que alimentaram, pois, o objetivo central da jovem era ter o fazendeiro, mas com o seu amado, diante da acusação, se recusa a abdicar de sua honra e fé, o julgamento, eivado de tirania, acaba por tirar de Abigail aquilo que ela desejava.

O filme transmite de forma primorosa o sentimento que assola os justos quando condenados por tiranos e qualquer semelhança com a realidade, não parece mera coincidência.

# Dica de Música



**Richard Clayderman - Ballade Pour Adeline**

[Ouça aqui: https://www.youtube.com/watch?v=eCCan3TFPoc](https://www.youtube.com/watch?v=eCCan3TFPoc)

# Caderno ABRAJUC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

A Associação Brasileira de Juristas Conservadores – ABRAJUC, é uma entidade apartidária, que congrega profissionais de diversas áreas do Direito, em todo território nacional, tendo sido criada com o objetivo de estudar e difundir os valores do conservadorismo. Como tal, defende as instituições consolidadas, tanto as públicas, quanto as referentes à família e valores morais do povo brasileiro.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

**NOTA OFICIAL**

A **Associação Brasileira de Juristas Conservadores - ABRAJUC**, entidade que congrega profissionais dos diversos ramos do Direito, unidos em torno dos valores e princípios consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, vem a público externar sua preocupação com a indicação do atual Ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino de Castro e Costa, para integrar o Supremo Tribunal Federal.

Flávio Dino deixou a Magistratura no ano de 2006, para concorrer ao cargo de Deputado Federal, tendo sido empossado em 2007, permanecendo na função até 2011. Foi eleito Governador do Estado do Maranhão em 2014 e reeleito em 2018. No ano de 2022 foi eleito Senador da República. *Toda sua vida política se deu no âmbito do Partido Comunista do Brasil, agremiação na qual esteve filiado até 2021, quando migrou para o Partido Socialista Brasileiro, no qual se encontra filiado até o presente.*

Nesse diapasão, evidencia-se a incontestável veia política de Flávio Dino, bem como sua inclinação partidária que exerce há quase duas décadas, desde que renunciou o sacerdócio da toga e enveredou por caminhos outros que não mais combinam com a função judicante em um Tribunal.





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE JURISTAS CONSERVADORES

O Supremo Tribunal Federal é o órgão máximo do Poder Judiciário no Brasil, composto por onze Ministros escolhidos entre juristas de escol, com notável saber jurídico e reputação ilibada. Pretório Excelso, guardião da Constituição da República, que deve ser respeitado e *preservado da politização*.

Noutro giro, *quando a política partidária penetra o recinto dos Tribunais, expurga a justiça por alguma porta, assim leciona François Pierre Guillaume Guizot*. E essa deve ser a preocupação primeira, norteando o exercício da prudência e do rigor institucional para garantir que as Instituições e o Estado de Direito não sejam postos à prova.

Nesse contexto, **a ABRAJUC concita o Senado Federal** para que chame para si a responsabilidade de vigilância, zelo e equilíbrio institucionais, preservando o princípio republicano e o ambiente democrático, garantindo, assim, a melhor escolha para a vaga deixada pela Ministra Rosa Maria Pires Weber no Supremo Tribunal Federal.

**Associação Brasileira de Juristas Conservadores**  
**República Federativa do Brasil, 05 de dezembro de 2023**

REVISTA

ISSN 2764-3867

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

*Com conhecimento se constrói cidadania*

## SIGAM-ME

*Nas redes sociais*



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



# CALIFADO



© Rei de Ouros